**O *ESMERALDO DE SITU ORBIS* DE DUARTE PACHECO PEREIRA: A ÁFRICA NA ESCRITA DE UM NAVEGADOR PORTUGUÊS NA PASSAGEM DO SÉCULO XV PARA O XVI.**

Profº Ms. Elby Aguiar Marinho

elbygode@yahoo.com.br

Esta comunicação traz parte da leitura de uma obra clássica da época da expansão marítima portuguesa: o *Esmeraldo de Situ* Orbis,[[1]](#footnote-1) do navegador Duarte Pacheco Pereira (1460-1533). Ela se denomina um livro de cosmografia e marinharia, sendo um testemunho do pioneiro desenvolvimento português na arte da navegação no período da segunda metade do século XV e primeira metade do século XVI.

O *Esmeraldo de Situ Orbis* constitui uma obra-síntese de um largo conjunto de obras anteriores relacionadas ao processo de expansão marítima da época,[[2]](#footnote-2) tais como crônicas, descrições de regiões distantes, roteiros, regimentos de navegação, diários de bordo e livros de marinharia, os quais formam, todas juntas, o que a historiografia vem chamando de literatura de viagem.

Tal obra pertence, por um lado, a esse gênero amplo da literatura de viagem, que remonta à Antiguidade, contemplando sua principal característica que é a descrição das regiões exploradas e dos povos nelas encontrados. Por outro lado, imprime a marca pessoal do navegador Duarte Pacheco Pereira, que traduz o imaginário social de Portugal nesse momento de transição do mundo medieval para o moderno. Assim, o autor transforma em narrativa seus aprendizados e suas vivências acerca das várias viagens marítimas e explorações em terras africanas e orientais das quais participou em nome da Coroa portuguesa. Sua condição de escrita é bem ampla e híbrida, unindo exploração, aventura e aplicação e desenvolvimento de conhecimentos objetivos.

Em sua época, ocorria emPortugal um clima de mudança em decorrência das grandes navegações e de seus resultados, com reflexos não só entre os escritos de homens dedicados às ciências e às técnicas, como é o caso de Duarte Pacheco Pereira*,* mas também entre poetas, prosadores e historiadores. Havia um sentimento de consolidação de uma obra inigualável de conquista do mundo e que para sempre saberiam dominá-lo, sendo o *Esmeraldo de Situ Orbis* um extraordinário fruto e exemplo de todo esse processo histórico(ALBUQUERQUE, 1987).

Seu texto foi escrito no momento posterior aos das viagens que vivenciou graças a uma encomenda feita pelo rei D. Manuel (1469-1521), já queas descrições físicas da natureza e das regiões habitadas da África e da Ásia serviriam para auxiliar as pessoas que posteriormente passariam pelas mesmas regiões atravessadas pelo autor. Sobre a obra original, esse rei considerou tão valiosas suas informações náuticas, geográficas e econômicas que jamais permitiu que ela fosse tornada pública, atitude esta bem típica da política de segredo do período. O documento era, de fato, tão precioso que uma cópia foi contrabandeada em 1573 para a Espanha por um espião italiano, Giovanni Gesio, que o rei Filipe II mantinha a seu serviço na embaixada espanhola em Lisboa. Isso é explicado por estar a capital do reino na vanguarda das inovações técnicas náuticas naquele período. Vivia infestada de espiões, principalmente espanhóis e italianos, que escarafunchavam todos os cantos para descobrir os segredos que permitiram aos portugueses construir um império que ia do Oriente ao Brasil.

Em sua escrita, Duarte Pacheco Pereira assume posições em relação às narrativas e aos relatos de viagens anteriores (para as mesmas regiões percorridas, no caso), em que ocorrem divergências e emaranhamentos por causa de diversas perspectivas intelectuais, religiosas e sociais sempre em mutação. É por isso que nenhuma obra de viagem é totalmente original, pois toma sempre como base outras narrativas em sua construção,[[3]](#footnote-3) que determinam o observado e o que se escreve acerca do mundo. Para o caso do *Esmeraldo de Situ Orbis*, como veremos posteriormente, o recurso aos textos de autoridades antigas foi usado pelo navegador para persuadir seus leitores, fazendo com que se creia em sua obra, indicando o que naquelas é falso ou mítico. Assim, seu livro é validado por ser sério, pois ele viu realmente e achou o contrário do que fora afirmado anteriormente, devendo, assim, os seus destinatários acreditarem nele. Porém, em outros momentos, o que trará outro quadro de discussões, o navegador realiza a mesma coisa dos autores que critica, contando mitos ou repetindo os erros dos antigos(HARTOG, 1999 e 2004).

O autor foi uma importante personalidade de seu tempo. Não só por causa de sua obra, mas pelas diversas atividades que exerceu ao longo do governo de quatro reis impulsionadores das viagens marítimas e das explorações nos continentes africano e asiático: D. Afonso V (1448-1481), D. João II (1481-1495), D. Manuel I (1495-1521) e D. João III (1521-1557). Destacou-se como grande combatente e estrategista em terra e no mar, administrador de possessões portuguesas, cosmógrafo, roteirista e explorador geográfico. Prova de sua importância foram os ecos de seus feitos militares nas Índias, durante séculos, conforme se lê nas linhas de cronistas ou da historiografia quinhentista portuguesa do Oriente.

No *Esmeraldo de Situ Orbis*, além da descrição de um amplo conteúdo técnico e geográfico relacionado com procedimentos necessários para a boa navegação ao redor do continente africano, de narrativas sobre as batalhas contra muçulmanos e africanos, doenças adquiridas ou todas as dificuldades enfrentadas durante as viagens e conquistas, nos chamam também a atenção a descrição de maravilhas existentes nas distantes terras.

O desconhecido africano,quando encarado, trazia uma clara posição de distanciamento em relação ao que de fato deveria existir. Esse forte estranhamento, por outro lado, impedia a construção de umdetalhado conhecimento geográfico e também da fauna e flora, o que é absolutamente compreensível. Pelo fato de os europeus terem se afastado do Mediterrâneo por causa das perturbações das conquistas turcas, somente a partir do século XV que a Europa vai olhar mais para o Atlântico, sendo que, primeiramente, para a África. Mas a imagem africana era ruim entre os europeus desde a Antiguidade, sendo acentuada mais ainda na Idade Média. Os africanos eram considerados feios, tendo o continente povoado por monstros e enormes serpentes (LE GOFF, 2007).

As raízes dessas concepções em relação à África, que pode ser notado a todo o instante na obra em exame, remontam aos textos bíblicos, aos grandes nomes da Antiguidade, ao imaginário medieval, às concepções científicas da época do navegador, tudo isso somado à sua própria experiência quando teve contato com diferentes povos e regiões. Exploradores como Duarte Pacheco Pereira acabavam tornando-se fontes riquíssimas no que se refere à formulação de novas interpretações sobre terras distantes e constituindo exemplos de como estes se comportavam tanto na dimensãodo desconhecido como do adverso, do incomum e do ameaçador.

A África*,* por ser ainda pouco conhecida, era constantemente associada à ideia de medo.Era um espaço do incógnito e da aventura. Um espaço onde o navegador se encontrava consigo mesmo, por causa de seu esforço de superação dos obstáculos das viagens, das dificuldades do comércio, da luta contra os mouros e na ampliação dos domínios portugueses. Percebe-se nisso tudo a influência do imaginário social a partir da experiência pessoal do narrador, que conseguia observar um ser tão fabuloso como a serpente descrita a seguir.

E nesta terra [se trata do reino de Tucurol, região do rio de Çanagá] há muito grandes cobras de 20 pés em longo, e mais, e muito grossas; e, além destas, há outras cobras tão grandes que tem um quarto de légua de longo, e a grossura e olhos, boca e dentes, respondem à sua grandeza; e destas há i muito poucas, as quais tem tal natureza que, como são tamanhas como digo, logo se saem das alagoas onde se criam, e vão buscar o mar; e por onde levam seu caminho muito dano fazem; e as aves como a vem ir, são tantas sobre ela, que a picam, que é cousa que se não crera, porque a carne destas cobras é tão mole que se não pode mais dizer, e tanto que entram no mar todas se desfazem na áugua. E estas ralamente parecem, porque de dez em dez anos, e mais, se acontece ver uma destas. E isto é duro de crer a quem não tem a prática destas cousas como a nós temos. E assi, há neste rio tão grandes lagartos que andam na áugua, que muitos deles tem vinte e dous pés de longo, e com tão grandes bocas que enguliriam um homem folgadamente. (*ESO,* p. 99)

Apesar de usar sempre o argumento da observação, Duarte Pacheco Pereira também afirma serem comuns situações como a descrita agora.

Por ser um viajante, sua visãoera sempre insuflada por histórias e relatos antigos e do próprio período medieval, verídicos ou fantasiosos, de outros viajantes que retornavam de distantes regiões desconhecidas. Apareciam ao lado de descrições dignas de credulidade, relatos de seres de extraordinária existência, o que é compreensível pelo aspecto de curiosidade e fantasia da imaginação como supridora do desconhecido enfrentado e posteriormente narrado por homens como esses. Enfim, havia tanto um nível de veracidade advindo das observações e desmistificações quanto uma continuidade de crenças em seres e lugares maravilhosos com clara influência do que era apresentado em relatos antigos e nos bestiários. Seus seres extraordinários acabaram não só alimentando o imaginário social, mas também a realidade livresca, cosmográfica e cartográfica.

A crença na existência de monstros era muito difundida. Eles eram reais para as pessoas, independentemente se eram vistos ou não pelos navegadores e viajantes. Na Idade Média, o monstro era encarado da mesma maneira que qualquer outra criatura, ou seja, como uma criação e manifestação divina. Mas uma manifestação diferente, ambígua, pois se não fosse assim seria simplesmente um animal comum, o que acarretaria a perda de sua monstruosidade. O monstro era fruto do espaço onde surgia**,** sendo esse espaço um lugar desconhecido e, por isso, diferente e maravilhoso.

Desse modo, o monstro se tornava, em relação ao período histórico do *Esmeraldo de Situ Orbis,* uma via de acesso ao próprio conhecimento do mundo e da natureza. Por ser um enigma, ele conseguia fazer as pessoas refletirem, ou seja, buscarem uma solução aos mistérios e às novidades que encaravam. Por amedrontar, acabava sendo curioso, interessante e estimulante. Era um fator de descobrimentos ao confundir e explicar, limitar e abrir novos horizontes e perspectivas para um explorador como Duarte Pacheco Pereira (FONSECA, 2007).

Fechando essa parte, seguem agora dois últimos exemplos de descrições de seres já antes abordados pelos bestiários, mas que agora eram analisados com base nas observações diretas de Duarte Pacheco Pereira:

Nesta serra há muitos alifantes e onças e outras muitas desvairadas alimárias que nesta Espanha nem em toda Europa não há. Também há’qui homens salvages, a que os Antigos chamaram Sátiros, e são todos cobertos de um cabelo ou sedas quási tão ásperas como de porco; e estes parecem criatura humana e usam o coito com sua mulheres como nós usamos com as nossas; e em vez de falarem, gritam quando lhe fazem mal. E porque estes andam na maior espessura desta serra, poucas vezes os podem tomar, senão em sendo moços pequenos. Muitas outras cousas se poderiam dizer deles que, por não fazer longo sermon, leixo de escrever. (*ESO*, p. 118)

Nesta terra [região do Beni] há uns homens selvagens que habitam nos montes e arvoredos desta região aos quais chamam, os negros do Beni, “òsá”; e são muito fortes, e são cobertos de sedas como porcos. Tudo tem de criatura humana, senão que, em lugar de falar, gritam. E eu ouvi já de noite os gritos deles e tenho uma pele de um destes salvagens.

Nesta terra há muitos elefantes, dos quais os dentes, a que chamamos marfim, muitas vezes compramos; e assi há muitas onças e outras alimárias de diversas espécies; e assi aves de tão desvairados modos das da nossa Europa, que, quando no princípio do descobrimento desta terra, os que isto viram e das tais cousas contavam não eram cridos, até que a prática dos que depois lá foram fez dar crédito a uns e a outros. (*ESO*, p. 150)

São vários os animais citados: elefantes, onças, aves e macacos, os quais são tratados por Duarte Pacheco Pereira como “homens selvagens”. É certo que qualquer pessoa que hoje veja um macaco encontre nele alguns comportamentos semelhantes ao dos seres humanos. Porém, ele vai além, chegando a afirmar que tudo tinham dos humanos, sendo apenas o fato de não falarem, e sim de gritarem, a diferença.

Tal técnica de escrita é bem comum em todas as descrições de animais feitas pelo navegador. Ele constrói a figura dos animais para seus leitores por meio do desvio do que eles viam na Europa, por meio de elementos conhecidos por eles. Para o caso dos “homens selvagens”, os elementos conhecidos apresentados pelo navegador são a aparência e gestos humanos e o “cabelo ou sedas” de porco, apesar de os macacos não serem e não terem nada disso.

Uma primeira explicação para que Duarte Pacheco Pereira tenha encontrado tanta semelhança entre homens e macacos vem da clara surpresa que ele demonstra sentir ao tratar dos animais africanos. Chega a afirmar que são vários e desvairados, sendo que deles não existe nada parecido na Europa. A visão dos macacos e de seus gestos tão próximos aos dos humanos com certeza o deixava perplexo. Além de tudo isso, o macaco também era um animal há muito tempo tratado pelos bestiários*.* Nestes, o nome latino do macaco, *símia*, derivava de *similitudo*, advindodesua enorme semelhança em relação aos homens, sendo representado diversas vezes fazendo atitudes destes. Assim, muito tempo antes dos descobrimentos e dos contatos europeus com o continente africano, por meio dos bestiários, os macacos já eram vistos com grande semelhança em relação aos humanos, já existindo um conhecimento prévio sobre esses animais na Europa.

A parte final da segunda citação vai de encontro à questão da autoridade da experiência. O navegador afirma que, por serem tão “desvairados” os animais africanos, os primeiros relatores de sua existência, no momento dos descobrimentos, eram desacreditados. A situação só mudaria quando vários outros viajantes, também por meio da experiência, comprovassem tudo aquilo que fora visto anteriormente.

Enfim, é notável a riqueza das manifestações presentes no *Esmeraldo de Situ Orbis,* com ricas heranças do imaginário medieval europeu, bem como com transformações advindas pelo olhar desmistificador da experiência, apesar deste último ser bem mais forte na maior parte da obra.

Trataremos agora de suas concepções acerca da estrutura terrestre. Estas envolvem tanto a aceitação do imaginário antigo e medieval quanto a desmistificação de conteúdos da *Bíblia* e de autores clássicos, graças à sua vasta experiência tanto na navegação como na exploração dos mais variados territórios, como pode ser observado na seguinte citação:

Nunca os nossos antigos antecessores, nem outros muito mais antigos doutras estranhas gerações, puderam crer que podia vir tempo que o nosso oucidente fora do ouriente conhecido e da Índia pelo modo que agora é [pelos portugueses]; porque os escritores, que daquelas partes falaram, escreveram delas tantas fábulas, por onde a todos pareceu impossível que os indianos mares e terras do nosso oucidente se pudessem navegar. (*ESO,* p. 195)

Portugal enfrentava o choque entre um longo imaginário social europeu contrário às navegações atlânticas (algo exemplificado pelo medo de monstros, de grandes abismos, da “terra queimada” e diversos outros perigos para a navegação) e o seu consequente enfrentamento por interesses econômicos, políticos e religiosos, o que resultava numa nova situação de construção de outros imaginários sobre a natureza*.* Ambas as situações do imaginário social participam igualmente das realizações e transformações históricas desse período, pois possuíram sua trajetória e tinham funções enquanto perduraram ou levaram à formação de outros. Enfim, a realidade que Duarte Pacheco Pereira vivia e tratava em sua obra era fruto desse rico momento de transformações históricas.

Assim, no seguinte trecho, vê-se como o autor concebe, interpreta e demonstra a estrutura do mundo no tempo em que vivia:

os filósofos [...] disseram que a terra toda é cercada pelo mar [...] e alguns dos Doutores modernos [...] quiseram mostrar, por autoridades da Sagrada Escritura e suficientes razões contrárias aos antigos, como a terra é muito maior que tôdalas águas, e elas todas jazem metidas dentro na sua concavidade e fundura e são cercadas pela mesma terra. [...] e isto é conclusão que se não deve negar. E, por que se mais claramente se mostre a verdade, notemos o primeiro capítulo do Gêneses que diz assim: *ajuntem-se as águas*. Enquanto disse e mandou que este julgamento fosse feito em um só lugar, bem parece que a terra não é cercada pelo mar [...]. E além do que dito é, a experiência, que é madre das cousas, nos desengana e de toda dúvida nos tira [...] [por meio das viagens realizadas, percebe] que esta terra d`além [mar] é tão grande, e desta parte d`aquém temos Europa, África e Ásia, manifesto é que o mar oceano é metido no meio destas duas terras e fica médio-terrano; pelo qual, podemos dizer que o mar oceano não cerca a terra, como os filósofos disseram, mas antes a terra deve cercar o mar, pois jaz dentro na sua concavidade e centro. (*ESO,* p. 18-21)

O navegador mostra o quanto a identificação da Terra em relação às suas partes de terra e água passou por constantes mudanças ao longo da história. Com o transcorrer do texto, concebe suas posições particulares a esse respeito, identificando o pensamento português de sua época. Porém, ele encontra-se em uma encruzilhada: mostra-se ainda bastante preso à autoridade bíblica, considera-se seguidor dos Modernos e afasta-se dos filósofos antigos. Identifica-se também, e principalmente, pela forte crença no conhecimento advindo da experiência, posição original que tanto o caracteriza por toda sua obra e que vai ganhar um grande espaço nos ambientes científicos europeus a partir de então.

Hoje, podemos perceber que a visão do autor, mesmo baseada em sua experiência, era equivocada. Ele afirma, diferentemente da situação do planeta, que os continentes são maiores do que os oceanos, já que estes se localizam no centro e concavidade daqueles. Essa interpretação é totalmente compreensível se analisarmos que, na data da redação do *Esmeraldo de Situ Orbis,* nenhum navegador, seja a mando do Portugal ou da Espanha, conhecia a navegação do oceano Pacífico, o que derrubou definitivamente conclusões como a que Duarte Pacheco Pereira faz no fragmento citado.

Novamente, temos heranças e inovações. Mesmo apoiado nas experiências das viagens e explorações na África e Ásia, o navegador ainda se enganava acerca da estrutura do planeta. Isso ocorria pela falta do total conhecimento do mundo e pela grande influência ainda das concepções e crenças bíblicas e medievais. Tudo isso preenche sua obra de interpretações maravilhosas sobre a natureza.

A última abordagem a ser feita nesse trabalho tratará de dois casos que exemplificam interpretações mitológicas ligadas ao espaço africano.

O mito, especificamente, é uma narrativa que se refere a uma ordem do mundo anterior à atual. Ultrapassa particularidades locais, destinando-se a explicar uma lei orgânica na natureza das coisas ou os temas e problemas da ordem total do mundo. Não são necessariamente sempre religiosos, mesmo quando trazem uma intervenção dos deuses. Muitos, porém, como é o caso dos presentes no *Esmeraldo de Situ Orbis,* estão fortemente ligados a personalidades divinas e a religiões. A narrativa aparece apenas como um suporte, desenvolvendo no decorrer do tempo uma ambição profunda, se expandindo numa contemplação mística da realidade que exprime (GRIMAL, 2005).

Dessa forma, o mito pode ser encarado como um tipo de lenda, das quais figuram entre outros os ciclos heroicos, as novelas, as lendas etiológicas, os contos populares e as anedotas. A diferença básica entre as lendas e a literatura é que as primeiras são encaradas como verdadeiras por suas respectivas sociedades. É desta forma que aqui será entendido em relação às concepções de Duarte Pacheco Pereira, ou seja, que este acreditava efetivamente em tais relatos mitológicos que acrescentava ao seu texto.

Em uma época de resistência milenar de vários mitos e estórias extraordinárias, um caso interessante e muito recorrente desde a Antiguidade é o da possível existência das minas do rei Salomão. Um longo trecho do livrotrata esse episódio, tema sobre o qual o próprio navegador afirma ter usado como fonte a Sagrada Escritura:

e não sentindo [D. Manuel] nem estimando as grandes e grossas despesas que se nisto fezeram, se descobriu e navegou alguma parte daquela Etiópia sob-Egipto que, das primeiras idades a nós, sempre foi de todo incógnita, onde por vossos capitães foi descoberta e novamente achada a grande mina que alguns cuidam ser de Ofir, que agora por nome novo Çofala é chamada, donde o sapientíssimo rei Salomõ houve quatrocentos e vinte talentos de ouro, segundo se mostra no terceiro livro dos Reis, capítulo nove, e no segundo livro de Paralipomenõ, capítulo oitavo, no fim, com o qual fez o sacro templo de Jerusalém [...]. (*ESO,* P. 13)

É notável que os desejos e as aspirações pelo encontro das antigas minas do rei Salomão, tão expressas em diversas obras e lendas ao longo da história, fazem parte das influências bíblicas no *Esmeraldo de Situ Orbis.* Isso, porque, a *Bíblia* era uma referência bem recorrente, além de uma série de mitos e simbologias que circulavam no contexto português na perspectiva oral.

No próximo trecho, podemos perceber que o autor não é influenciado apenas pela visão ibérica. Tal situação ocorre devido ao fato de o navegador, em alguns momentos da obra, abordar casos relacionados aos imaginários existentes entre as populações que ia conhecendo em suas viagens. Isso proporciona outra característica muito interessante ao livro, tornando-o uma rara fonte sobre as manifestações culturais dos povos africanos que quase não puderam deixar vestígios, já que não possuíam escrita e rapidamente tiveram sua cultura suplantada pela dos europeus. Havia também o jogo entre relação e descompromisso com as realidades vivenciadas por tais povos.

E este castelo de Almancora dizem que os leões o despovoaram e destruíram, porque comeram tanta gente dele, que alguma pouca que ficou fugiu e foi viver em outras partes. (*ESO,* p. 59)

Os mitos fazem-se presentes constantementena consciência do navegador, sendo uma possibilidade de visão do mundo e de outrasformas de existência humana, uma vez que todo o arcabouço imaginário seu e de outras sociedades se fazem presentes antes de qualquer formulação lógica de explicação (MELLO, 2003).

Duarte Pacheco Pereira teve importante participação nas grandes contribuições proporcionadas pelas viagens marítimas portuguesas das costas do continente africano até o Índico. As viagens tornavam clara a limitação teórica dos antigos, ocorrendo a supremacia do conhecimento empírico sobre o conhecimento da autoridade, permitindo o reconhecimento hidrográfico e a exploração das costas, das ilhas, dos rios e dos territórios próximos. Diferentes meios físicos, populações e costumes, flora, fauna, recursos naturais e possibilidades comerciais, além de vasto e detalhado conhecimento dos sistemas de correntes marítimas e de ventos no Oceano Atlântico, na linha do Equador e no Hemisfério Sul, foram feitos. Ouro, prata, pedras preciosas, cobre (para a artilharia, moedas e sinos), ferro (para diversas ferramentas e novas e poderosas armas), pimenta, canela, têxteis, porcelana, pescarias, escravos, açúcar, movimento planetários de animais e plantas foram alguns exemplos dos objetivos das viagens e explorações que faziam os lucros comerciais atingirem até cinquenta vezes o valor investido.

As atitudes do navegador foram reflexo de suas atividades e de seu momento histórico, ou seja, do início do processo de valorização da atitude humana no conhecimento direto da natureza. Mas esse momento, mesmo por ser inicial, ainda permitia que quando o experiente navegador não contasse com o conhecimento direto, pudesse se apoiar nos conhecimentos antigos, além de seguir os próprios cânones da literatura de viagem da Antiguidade.

A consequência, assim, é a presença e a força do maravilhoso em vários momentos do livro*.* Tal situação, aliada ao ainda não completo conhecimento empírico do mundo, fazia com que as heranças e as inovações andassem juntas na obra do navegador. Mesmo apoiado por suas experiências das viagens e explorações, ele ainda se enganava acerca da estrutura do planeta. Este contava com a presença do maravilhoso na natureza, com sociedades e animais extraordinários, além de oceanos menores do que continentes, por exemplo, o que prova a grande influência das manifestações imaginárias em sua escrita.

Um explorador como ele ficava atônito ao se deparar com regiões que nenhum saber antigo autorizava. Mas, por meio da união e transformação de vários legados tradicionais com as descobertas proporcionadas pelas experiências, respostas iam sendo encontradas aos desafios cotidianos e ampliava-se a compreensão do mundo (REICHEL, 1999).

Concluindo, esperamos que este trabalho tenha chamado a atenção e possibilitado interessantes temas de discussão e estudo ao olhar de seus leitores acerca de uma obra que achamos muito interessante: o *Esmeraldo de Situ Orbis,* de Duarte Pacheco Pereira.

**FONTE IMPRESSA**

PERES, Damião. *O Esmeraldo de Situ Orbis por Duarte Pacheco Pereira.* 3. ed. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1988.

**REFERÊNCIAS**

ALBUQUERQUE, Luís de. *As navegações e a sua projeção na ciência e na cultura.* Lisboa: Gradiva, 1987.

FONSECA, Luís Adão da. *O imaginário dos navegantes portugueses dos séculos XV e XVI.* São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 2007.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana.* Trad. de Victor Jabouille. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

HARTOG, François. *O espelho de Heródoto:* ensaio sobre a representação do outro. Trad. de Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. *Memória de Ulisses:* narrativas sobre a fronteira na Grécia antiga. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

LE GOFF, Jacques. *As raízes medievais da Europa.* Trad. Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes. 2007.

MELLO, Ana Maria Lisboa de. Poesia e mito. In: SANTOS, D. O. Amarante dos; TURCHI, M. Zaira (Orgs.). *encruzilhadas do imaginário:* ensaios de literatura e história. Goiânia: Cânone, 2003. p. 11-26.

REICHEL, Heloísa Joachims. Relatos de viajantes como fonte histórica para estudos de conflitos étnicos na Região Platina(século XIX). In: VÉSCIO, Luiz; SANTOS, Pedro (Orgs.). *Literatura e história:* perspectivas e convergências. Bauru: Edusp, 1999.

1. As referências a essa obra ao longo deste trabalho serão representadas pela sigla *ESO*. [↑](#footnote-ref-1)
2. Muito provavelmente, as primeiras relações de viagens foram feitas no mar pelos escrivães do Infante D. Henrique (1394-1460). Nesses livros de bordo eram anotados diversos dados de caráter geográfico, rumos, léguas percorridas, nomenclaturas locais ou impostas, trocas comerciais realizadas com indígenas e diversos outros dados relevantes da viagem. Tais anotações eram feitas dia a dia, seguindo os progressos das viagens de acordo com os acontecimentos, o que os fazia tomar a forma de diários. Tais temas (novidades geográficas e étnicas) exerciam grande atração sobre os viajantes, cientistas e aventureiros, cujos relatos de observações e aventuras eram recebidos com grande curiosidade na Europa. [↑](#footnote-ref-2)
3. Um famoso exemplo é o de Cristóvão Colombo, que levava o livro de Marco Polo em sua viagem que culminou com o descobrimento da América. [↑](#footnote-ref-3)